EXPEDIENTE.

—Tivemos o gosto de receber de pessoa mui competente e auctorisada um excellente artigo, sobre uma das Questões Agricolas mais importantes que entre nós se podem ventilar. — Sentimos que rogos, que para nós são preceitos, vedem aos leitores de descobrirem atravez do anonimo, que se nos pede, um nome illustre, que pela primeira vez honraria as paginas deste jornal. Desejamos que os nossos rogos sejam attendidos, e por isso esperamos que na continuação de tam util collaboração, a Revista se ha de vangloriar alcançando a permissão de publicar esse nome que nós tanto respeitamos. O artigo será publicado no numero seguinte.

— Agradecemos e serão publicados, o artigo ácerca do Damasqueiro, e o artigo ácerca da Lyra.

— Não póde hoje publicar-se a continuação do artigo sobre o Dr. Claudio Manoel da Costa.

Publicações recebidas. — Béja no anno de 1845, ou primeiros traços estatisticos d'aquella cidade, pelo Sr. Silvestre Ribeiro.

Apontamentos sobre as classes desvalidas e Institutos de Beneficencia, pelo mesmo auctor.

Jornal das Sciencias Medicas do mez de dezembro: contém, entre outros artigos, uma memoria do Sr. Hernandez Poggio, sobre a questão do contagio da Cholera-Morbus Aziatica.

Jornal da Sociedade Catholica, numero 7.° do 3.° volume: começa a publicar o discurso do Conde de Montalembert, ácerca da questão Suissa.

Contas do Monte Pio Geral relativas ao anno de 1847.

Gazeta Medica do Porto n.° 147: entre varios artigos contém alguns relativos a operações feitas no Porto por meio do chloroformio.

Trovador n.° 10: contém além de outras poesias, uma do Sr. João de Lemos, e outra do Sr. Palmeirim.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ALGUNS ACTOS ADMINISTRATIVOS DO ACTUAL GOVERNADOR CIVIL DO DISTRICTO DO FUNCHAL.

223 Recebemos noticias da ilha da Madeira, depois de se haver publicado o nosso numero anterior.

No *Madeirense*, jornal que ahi se publica, deparamos com alguns actos administrativos do actual Governador Civil do Districto, sobre os quaes nos parece conveniente chamar a attenção dos que presam o desinvolvimento dos nossos interesses economicos.

Não os podiamos receber mais a proposito.

A sua exposição vae hoje servir como de commentario a alguns pontos que tocámos em o nosso artigo sobre a — Divisão Administrativa. — Talvez mesmo nos dispense de terminarmos o artigo, que já tinhamos esboçado ácerca dos — Governadores Civis, — pois que sendo tantas, e tam variadas as materias que devemos alternar nas columnas da Revista, Deus sabe quando poderiamos continuar o fio partido dos — Estudos Administrativos — que tanto presamos, mas que mal se comportam com o pouco espaço que lhes podemos dedicar.

Ainda para desistir desse empenho ha uma razão mais forte.

É sabido que mais val o exemplo do que a palavra. Ora tendo nós hoje a appresentar provas em que se contém a demonstração pratica dos verdadeiros principios, que devem reger a acção administrativa, podemos dispensar-nos de recorrer á parte propriamente theorica da sciencia da administração para estudar esses principios.

Antes de começar a tractar dos actos, a que nos referimos, convém assentar algumas idéas geraes para que á vista do nosso artigo não possa haver a menor sombra de offensa da parte de muitos cavalheiros nossos amigos, que ja teem exercido ou hoje exercem o importante cargo de Governador Civil. Respeitamos todos. O elogio de um, no sentido em que unicamente o póde tecer um jornal como a Revista, é um louvor para a classe; mas nunca poderá ser nem a mais remota censura para nenhum dos individuos que a compõe.

Nas differentes áreas formadas em virtude da divisão administrativa de um reino, existem funccionarios publicos encarregados pelo estado de tornar a administração uma realidade. Entre elles, avulta o Governador Civil como o primeiro funccionario de cada uma dessas divisões.

Os deveres que teem a desempenhar são complexos.

Uns constituem a acção politica, e outras a acção administrativa propriamente dita.

Esta divisão foi tambem consignada em o nosso artigo do numero anterior, quando dissemos: «que a administração era considerada como a sciencia das relações, que existem entre a sociedade e o individuo, e dos meios de conservar taes relações, pela acção da auctoridade publica, sobre as pessoas e a propriedades em tudo quanto interessa a fortuna e a tranquillidade do Estado.»

Em um paiz completamente constituido, onde as questões politicas não passam da região elevada de uma discussão racional e civilisadora, a acção politica dos magistrados administrativos em nada tolhe o progressivo andamento da acção de que verdadeiramente depende a prosperidade publica.

Quando uma larga épocha de paz não tem ainda limitado a acção politica a simples regulamentos policiaes, e quando os magistrados administrativos são mais propagadores de um systema governativo, do que promotores da civilisação, que assenta no desinvolvimento de todos os recursos moraes e physicos de um paiz, é facto digno de commemorar-se o raro esforço dos homens, que, na quadra, em que a acção politica absorve furiosamente toda a acção administrativa, conseguem deixar no decurso de uma prolongada carreira, brilhantes vestigios da sua elevada capacidade e dos seus beneficos sentimentos. O Sr. Silvestre Ribeiro é um destes homens. O seu nome é considerado por todas as parcialidades politicas como o de um perfeito magistrado administrativo.

Neste exemplo se nos está revelando o que póde a intelligencia e o merito, pois que a reputação administrativa deste funccionario é tal, que difficilmente os odios politicos poderiam eclipsar por qualquer motivo a luz civilisadora, que lançam os actos da sua illustrada administração em differentes districtos.

Ha muito que particularmente veneramos tam respeitavel funccionario, e temos a maior satisfação em mui honrosamente mencionarmos o seu nome em um jornal, que, antes de ser redigido por nós, já se havia honrado com a valiosa collaboração de S. Ex.ª, e que mais de uma vez havia feito justiça ao incançavel zelo, e não vulgar intelligencia com que promove tudo quanto diz respeito aos interesses economicos da nossa terra.

Na ilha da Madeira o Sr. Silvestre Ribeiro tem sido o mesmo apostolo da civilisação, que em outros districtos se empenhára pelo augmento da prosperidade publica.

Os melhoramentos da cidade: as obras publicas: os estudos estatisticos: as informações exactas do estado das colheitas: o estabelecimento de instituições de charidade: a judiciosa exposição da conveniencia de cumprir as deliberações do governo na parte que se referem a meios da administração: eis aqui, os differentes pontos relativos aos importantes actos administrativos, que temos presentes.

Sentimos profundamente, que sejam tão estreitos os limites do nosso jornal, que não possam escrever-se aqui todos esses actos, que tanto honram quem, até pela correcção e lucidez do estylo, os sabe tornar uteis e agradaveis.

Oxalá, que se fixasse a incerteza da nossa posição politica, que terminassem todas as luctas civis fundadas na ambição; e em cada districto appareçam homens justos e instruidos, que, entregues unicamente ao cuidado de pôr em pratica a verdadeira acção administrativa, auxiliem a nossa regeneração social.

Como os leitores verão pelo *Expediente* do presente numero, o Sr. Silvestre Ribeiro não deixa de aproveitar em beneficio geral, nem os curtos ocios dos seus cuidados administrativos; e acaba de brindar as nossas letras com duas obras completamente novas pelo assumpto que tractam. Não cabe neste logar dizer sobre ellas coisa alguma, pois que, em outra parte da Revista, as consideraremos com mais vagar.

Como alludimos á conhecida intelligencia do Sr. Silvestre Ribeiro, e aos seus beneficos sentimentos, sejanos permittido extrahir dos actos a que nos temos referido, unicamente dois, entre outros muitos, que bem revelam a posse desses dotes, que só Deus confere. Seja um a circular, que tracta dos meios de organisar a estatistica do districto; e o outro, a circular em que se fazem mui sensatas observações ácerca do systema dos aforamentos por occasião de recommendar aos agentes administrativos a maneira como se devem haver, em relação aos foreiros do estado.

1.º *Documento.*

Circular. — 1.ª Repartição. — Illm.º Sr. — Pelos documentos, que a V. S. dirigi com officio em data de 10 de março, expedido pela 1.ª Repartição da Secretaria do Governo Civil, terá V. S.ª conhecido que, dominado pelo pensamento de aproveitar os conhecimentos professionaes de diversos funccionarios publicos, commetti os estudos e indagações relativas ás diversas secções da statistica d'este districto ás pessoas que mais habilitações offerecem para bem os desempenhar. Conforme este plano, que tem por si a valiosa circumstancia de fazer convergir a um centro com rapidez e exacção, o resultado dos conhecimentos e das experiencias dos homens especiaes nos diversos ramos, em que se divide a *statistica geral*, e cujo bom exito é por tanto moralmente certo, conforme este plano, digo, toca aos Srs. Officiaes do Corpo de Engenheiros proceder ao exame scientifico, ás indagações e á coordenação dos trabalhos, que teem por objecto o *sólo*, physicamente considerado, tanto no seu estado natural, como no de cultura; — ao conselho do Lyceo Nacional do Funchal incumbe a confecção do quadro da *instrucção publica*, comprehendendo não só a exposição historica dos estabelecimentos que ora existem, no seu estado material, litterario e moral, se não tambem a indicação do que é mister fazer para dar todo o desinvolvimento á instrucção popular; — ao Sr. Delegado do Conselho de saude os trabalhos relativos á *topographia medica*; — e á Associação Commercial do Funchal os que dizem respeito ao *commercio*, *navegação e industria*.

Resta a parte relativa á população, sua classificação, movimento, divisão e distribuição sobre a face da ilha.

É este o trabalho que eu commetto aos Srs. Administradores de concelho, e seus delegados administrativos, e que deverá ser feito segundo as indicações, que passo a expôr.

Prescindindo no meu programma, quanto fôr possivel, das muitas clausulas, e requisitos que o apuro da sciencia demanda em trabalhos d'esta ordem, porque quanto mais complicado fôr o desenho e traço d'elle, mais difficil será, em quanto a nós, a sua execução, limitar-me-hei a pedir aos Srs. Administradores de concelho os esclarecimentos que forem indispensaveis para que o censo statistico da população do districto reuna as condições primarias da sua organisação, e sirva d'esse modo a esclarecer proveitosamente as questões administrativas de maior vulto e que mais frequentemente occorrem.

N'este sentido, a statistica da população deve precisamente demonstrar, conforme deixo indicado:

1.º — O numero de fogos existentes em todo o districto, e o numero respectivo de habitantes.

2.º — A classificação dos habitantes por sexos, edades e profissões.

3.º — O movimento da população, produsido pelos casamentos, obitos, e nascimentos, com declaração de sexo, quanto aos ultimos, e se foram legitimos ou illegitimos.

4.º — A maneira porque a população se acha distribuida sobre a face do districto; — e d'aqui vem a necessidade de que o quadro statistico seja dividido por *concelhos*, e subdividido por *circulos parochiaes*, podendo a divisão judicial marchar parallela á administrativa, para dar a este trabalho applicação pratica em maior numero de casos, e por consequencia utilidade mais extensa e positiva.

Eis-aqui o complexo de noções que devem necessariamente subministrar a secção da statistica, cuja organisação confio aos Srs. Administradores de concelho, de accordo, e com o auxilio dos reverendos parochos. A cada uma das partes que ella deve illustrar, a quasi todos os pontos que a compoem, podéra eu dar um desinvolvimento mais extenso; — podéra descer a muitas hypotheses de summo interesse, a infindas particularidades, cuja noticia facilitaria a decisão de negocios de utilidade geral, e importaria alguma

vez a solução de graves problemas em administração.

Se não procedi assim, se não dei ao meu projecto ensanchas mais largas, e um alcance mais vasto, não é de modo algum porque tenha por desnecessario esses esclarecimentos, de que julguei dever prescindir, e pela força convergente de muitas razões que me intimam a conveniencia de simplificar quanto fôr possivel o systema do meu trabalho, para que elle não fique unicamente nos bosquejos de um plano, e possa vir a ser uma realidade, — é para não acrescentar mais provas á verdade consagrada por um conceituoso rifão dos italianos — *que o melhor é o inimigo capital do bom.*

Mas se no meu proposito de dar impulso á organisação de uma statistica da Madeira, me adstringi, principalmente na parte de que ora me occupo, aos pontos culminantes das materias que ella deve conter, se deste modo limitei, e simplifiquei muito o trabalho e indagações que commetto ás auctoridades administrativas, tambem espero que os Srs. Administradores do concelho, e Regedores de parochia, façam quanto podérem para que o resultado d'essas indagações seja o mais exacto possivel, e represente com fidelidade o estado do paiz sob o aspecto em que vamos estudal-o.

Os mappas inclusos indicam a maneira pratica de consignar os esclarecimentos que exijo; — e pelas legendas das diversas columnas se deprehende, sem necessidade de mais explicações, o que em cada uma d'ellas se deve notar.

Conforme as bases que ficam apontadas, os mappas foram organisados com referencia á divisão administrativa: os exemplares do mappa A são destinados a recolher os resultados do censo statistico em cada parochia, e os mappas n.os 1 — 2 — 3 B, formados da collecção dos primeiros, ficarão sendo a statistica da população do concelho.

As indágações e trabalho, que requerem os mappas parciaes, ficam a cargo dos Srs. Regedores de parochia, auxiliados, como espero que o sejam, pelos reverendos parochos: — o exame de todos esses documentos subsidiarios, e a coordenação do mappa geral é da competencia dos Srs. Administradores de concelho.

Na occasião de realisar o plano de que vou tratando, é muito conveniente que no archivo de cada Administração de concelho, e mesmo no de todas as Regedorias de parochias, fiquem existindo mappas da sua população particular; e é por esta consideração que os remetto a V. S.ª em duplicado, para que se s rva dar-lhes o destino e uso, que indico.

Seria muito para desejar que V. S.ª, por um extremo de dedicação e louvavel zelo pelo seu paiz, se désse ao trabalho de colligir, e transmittir-me certas indicações genericas com relação á população, que são do maior proveito, porque servem de desinvolvimento, e complemento indispensavel aos mappas que se vão organisar, e constituem a parte mais apreciavel d'estes trabalhos, ou o que propriamente se chama a statistica intellectual.

Em uma portaria expedida no anno de 1835, durante a gerencia de um ministro illustrado, o Conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, encontro eu o resumo d'essas circumstancias — d'essas phases e accidentes connexos ao existir de um povo, que, como V. S.ª vai julgar por si mesmo, tão ampla luz devem derramar sobre as cifras mortas de um mappa, por que fornecem elementos ao calculo, e nos ajudam a generalisar as suas hypotheses, restrictas a certo tempo, e a certos e determinados logares.

Eis-aqui esse trecho cuja leitura illustrará sofficientemente o assumpto em questão.

« Mas todos estes mappas darão noções incompletas, se não vierem acompanhados de uma memoria bastante explicita das circumstancias que elles abrangem. Nesta cumpre declarar qual é a edade, em que as filhas principiam a ser de alguma utilidade a seus paes, ou aos que fazem as suas vezes; marcando-se a devida distincção entre cidades, villas, e aldêas; — qual aquella, em que os homens, gosando de todas as suas forças, se pódem entregar ao trabalho independentemente: e aqui cabe declarar o tempo que os aprendizes costumam dar aos mestres nas differentes profissões, e officios: — as vantagens, e inconvenientes de um trabalho prematuro; — épocha ordinaria dos casamentos; distinguindo-se sempre as cidades, villas e aldêas; — qual é a fecundidade média dos casamentos — o influxo, que tanto na sua frequencia, como na sua fecundidade tem as differentes localidades; — qual é a edade, em que os dois sexos costumam ser prolificos, e qual a em que costumam deixar de ser proprios para os trabalhos, tanto homens, como mulheres: em fim todas aquellas informações, que possam ministrar ao governo conhecimentos importantes!! »

Todos estes esclarecimentos são pois de summo interesse, e por isso recommendo a V. S.ª a maior attenção nas investigações que a acquisição delles torna precisas.

Tal é a incumbencia que confio aos Srs. Administradores do Concelho, e seus subordinados, como sendo os que melhores garantias offerecem de bem a desempenhar. Certo d'isto, confio que empregarão todos os esforços para que ella seja satisfeita com brevidade, e sobre tudo com exacção, por que é esse o requisito primario — a condição essencialissima que devem appresentar os trabalhos, a que ora mando proceder, e cuja organisação importa um grande beneficio para o paiz.

Deus Guarde a V. S.ª — Palacio do Governo Civil no Funchal aos 16 de dezembro de 1848. — Illm.º Sr. Administrador do Concelho de..... O Governador Civil — *José Silvestre Ribeiro.*

2.º *Documento.*

Repartição de Fazenda — 1.ª Secção — Liv. 9.º — n.º 385. — Circular. — Illm.º Sr. — Succede quasi todos os dias que a este Governo Civil venham lavradores pedir a entrega de predios e bemfeitorias da fazenda que outros colonos trazem de arrendamento; allegando em seu beneficio que os terrenos não são bem cultivados, nem tão pouco se sustenta o valor das bemfeitorias, porque os actuaes arrendatarios são pobres, velhos, ou descuidados, ao passo que os sollicitantes offerecem maior segurança ao estado.

Este negocio, Sr. Administrador, que parece muito trivial e de pouco momento, merece todavia ser sempre considerado com a mais escrupulosa attenção, pois que, sob a apparencia de grandes interesses pa-

ra a fazenda, podem em realidade seguir-se prejuisos, e por outro lado injustiças, ou pelo menos despreso das leis da humanidade.

Uma das vantagens que o contracto de *aforamento* tem sobre o do *arrendamento* é a *estabilidade*. O foreiro persiste sempre na cultura do mesmo predio, é por consequencia considera-o como propriedade sua, e como tal a tracta com amor, tendo tambem a vantagem de adquirir um mui cabal conhecimento da natureza do terreno, e de o beneficiar de anno em anno.

O *arrendatario* porém vive sempre na incerteza, e a expiração do praso do seu contracto é uma crise que elle aguarda com susto, porque a essa hora tem talvez de largar a terra que cultivou com esmero, para a entregar a um competidor mais feliz. O *arrendatario* está á mercê da avidez do proprietario, e dos manejos interesseiros de mil concorrentes.

Que convem pois fazer para melhorar a condição do arrendatario? Um proprietario particular deverá attender a que a instabilidade é o vicio dos vicios em todas as coisas, e que para colher até certo ponto do arrendamento as mesmas vantagens que da emphyteuse, é mister conservar o mesmo cultivador o maior espaço de tempo que lhe fôr possivel, cerrando o coração a esse desgraçado prurido da sede de ouro, que conduz a despedir uma familia desvalida, para receber de um invejoso, ou de um atravessador astuto mais uns poucos de ceitis, ou de grãos de trigo.

A fazenda deve regular-se pelo mesmo principio, e eu desejo que os Srs. Administradores de concelho, quando houverem de informar sobre estes negocios, procurem conciliar os interesses da nação com os sentimentos da humanidade, para que jámais succeda que uma familia pobre seja expulsa de uma propriedade, de cuja cultura tirava a subsistencia, e em cuja casa se abrigava e vivia.

Se um colono não cultiva devidamente a terra, seja elle advertido, e admoestado para desempenhar o seu dever; se elle, em vez de sustentar o valor das bemfeitorias, as prejudica e estraga, seja forçado a pôr tudo no primitivo estado, e se por ventura se mostrar incorrigivel, seja então expulso, e obrigado a indemnisar a fazenda.

Se os contractos primitivos forem sempre feitos nos devidos termos, jámais apparecerá a necessidade de expulsar colonos, pois que nessa hypothese só se entregarão bemfeitorias a bons colonos, quero dizer, a colonos que tenham uma boa fiança, e gozem do conceito de bons cultivadores.

O que deixo dito é bastante para que os Srs. Administradores dêem a este negocio a attenção conveniente.

Deus guarde a V. S.ª — Palacio do Governo Civil no Funchal 13 de janeiro de 1848. — Illm.º Sr. Administrador do concelho..... O Governador Civil, *José Silvestre Ribeiro.*

NOVO PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DO CHLOROFORMIO POR MM. HURAUT E LAROCQUE.

De um dos mais accreditados jornaes scientificos, que recebemos pelo ultimo paquete, extrahimos o seguinte:

224 O chloroformio, (1) cujo uso se torna de dia para dia mais frequente, além da sua propriedade anasthesica, trouxe á industria uteis applicações; porque dissolve alguns corpos, que até hoje resistiam a quasi todos os dissolventes; taes como a gomma elastica, a gomma laca, a resina copal etc. Por outro lado este producto dissolve tambem com facilidade o bromio, o iodo, os oleos essenciaes, os alcalis vegetaes, as banhas etc. Por este motivo, é conveniente publicar-se um processo expedito e pouco dispendioso para a preparação deste agente.

Eis o processo: Tomam-se 35 litros de agua, que se collocam em um alambique em banho-maria. Eleva-se esta agua á temperatura de 36 a 40 gráus: depois desfaz-se nella 5 kilogrammos de cal viva, cortada em pedaços e 10 kilogrammos de chlorureto de cal do commercio. Feito isto lança-se litro e meio de alcool de 85 gráus: logo que a mistura se tiver effectuado, lutase o vaso, e faz-se ferver a agua. Passados alguns minutos, e quando o calor tiver chegado ás extremidades do alambique, diminue-se o lume. É então que a distillação começa a effectuar-se rapidamente, e continúa por si mesmo até ao fim da operação. Separa-se então o chloroformio pelos meios ordinarios; porém em vez de distillar, como recommenda M. Soubeiran, os licores, que sobrenadam no chloroformio, reservam se para uma operação subsequente que se pratica logo depois. — Para isto, introduz-se novamente no vaso, sem tirar nada do que elle contém, 10 litros de agua: e quando a temperatura do liquido tiver chegado a 36 ou 40 gráus, ajuntam-se-lhe 3 a 4 killogrammos de cal e 10 de chlorureto. Dissolve-se tudo com cuidado, e depois vasa-se o licor chloroformico da operação precedente, addiccionado com um litro de alcool: meche-se o todo, e termina-se a operação pelo modo indicado. Com um alambique de sufficiente capacidade, póde-se effectuar terceira e quarta operação, praticando o mesmo que se acaba de dizer.

No fim de quatro operações successivas, obtiveram os auctores deste processo: —

Da 1.ª	distillação...	550	grammas de	chloroformio.
Da 2.ª	»	640	»	»
Da 3.ª	»	700	»	»
Da 4.ª	»	730	»	»
		2:620		

Por este processo vem a sahir em Paris o preço de cada killogrammo de chloroformio a 14 francos ou 2$240 réis.

Durante as suas experiencias observaram estes chimicos, como ja tinha sido notado por M. Soubeiran, que quanto mais rapidamente se effectuar estas operações maior é a quantidade de chloroformio, que se obtém. — É por este motivo, que se deve aquecer a agua antes de lhe misturar a cal e o chlorureto. O

(1) Quando a Revista tractou deste composto, ainda as corporações competentes não tinham publicado nenhumas observações a esse respeito. Por tal motivo nos abstivemos de fixar a sua genuina denominação. Ao presente, apesar da divergencia, que a este respeito encontrámos, mesmo em jornaes especiaes, adoptámos esta terminação, por ser a que em nossa opinião se conforma mais com a indole da nossa lingua e com as regras da nomenclatura chimica.

crescimento dos liquidos, que, no processo de M. Soubeiran, é tão consideravel, neste processo é apenas sensivel. Nesta operação, o chloroformio, que se obtém, não contém chloro, quando esta é bem feita: e finalmente que o espirito-de-pau se produz um pouco mais, é menos vantajoso o seu emprego, quer pelo seu maior preço, quer pelo cheiro desagradavel, que communica ao chloroformio.

A PRATICA DE PEAR OS ANIMAES.

225 Ha uma pratica particular de apascentar os grandes animaes, que consiste em demorar a locomoção, por meio d'um laço que lhe ata e prende dois membros, a fim de que o animal pastando, se não evada, ou não faça mal ás culturas visinhas ao pascigo.

O modo como isto se alcança é variavel, como variavel é tambem a materia do laço. Umas vezes peam-se os cavallos atando um ao outro os cabos anteriores pelos *travadouros*, com uma corda de junco ou esparto, quando não é uma corrente de ferro para esse fim de proposito construida: e deixando entre elles pouco mais ou menos a distancia, que naturalmente possuem na situação ordinaria. Outras vezes liga-se um bipede lateral, isto é, atando a corda do pé á mão. E os bois *abracamam-se*, levando o laço do pé ao chavelho.

Esta pratica de apascento é mui frequente em Portugal, e que eu tenho visto mui commum, para os cavallos do Riba-Tejo.

Allega-se como motivo: 1.° o andarem os animaes pouco pelos pascigos, espesinhando por isso poucos pastos. 2.° evitar-se que na ameijoa debandem, quando se não guardam. 3.° evitar-se que sem serem guardados não sejam facilmente roubados, pelo menos os que são peados a ferros. 4.° Resguardarem-se as cearas proximas do seu damninho dente.

Todos estes fins, que se levam em vista em tal pratica, aliás importantes, nem sempre se realisam; e quando mesmo inteiramente se realisassem, intendemos não dever pelos meios que se empregam, tão altamente anti-hygienicos, sacrificar-lhes a saude dos animaes.

Sem negar que os cavallos peados espesinham menos terreno, não esqueceremos com tudo, que calcam em demasia aquelle onde pairam. E concedendo que estejam mais livre de *abigeato*, é certo todavia, que a necessidade de roubar apura a industria no ladrão, que substitue á navalha que facilmente corta a pêa de corda, pela lima que não poupa a que é de ferro. E ainda que em geral, sejam menos damninhos ás cearas; mais d'um caso tem havido, em que á custa de alguns esforços, teem nelles cahido produzindo considerabilissimos estragos.

Ora não correspondendo sempre esta pratica ás intenções, deveria por isso ser menos commum, ou antes completamente abolida se fizermos cargo dos estragos que póde acarretar á saude dos animaes. E de feito; os animaes peados estão n'um continuo constrangimento, comem pouco, digerem mal, e mais do que se estivessem soltos são perseguidos pelos insectos. As femeas, e sobre tudo as vaccas, são sujeitas a abortar; e tem havido factos, de ás *leiteiras* se suspender a secreção do leite. Os poldros *manietados* não podem folgar e brincar; exercicio que lhes é não só salutar, mas que bastante concorre para o bom desinvolvimento de suas qualidades physicas. E assim, em vez de adquirirem flexibilidade nos membros, e agilidade nos movimentos são pelo contrario duros ás flexões, e pesados á locomoção. Não é só isto; arruinam-se no jogo das articulações, que se tornam rijas, e nos aprumos dos membros que tomam viciosa direcção. Coisa que necessariamente deve succeder, por quanto, acostumados quando pastam em liberdade, a adiantar um membro mais do que o congenero, para assim mais seguramente cortarem e apanharem a herva das pastagens, quando peadas as mãos, falta-lhes essa segurança e apoio, e por isso pastam constrangidos, aproximando os membros ao centro de gravidade, isto é, para baixo do ventre, e por conseguinte affastando-os totalmente do seu natural aprumo. E como assim peados, tenham de levantar-se sobre os membos posteriores para formar os saltos, pelos quaes mudam de logar; resultam destes, não só desagradaveis commoções nas visceras, mas sobre tudo ruina das articulações, pela extrema reacção do terreno, particularmente nos curvilhões, onde o corpo todo se apoia tornando-se assim os cavallos curvos, e muito sujeitos a esparuvões. Quando não saltem, porque em vez de manietados são presos por bipede lateral, andam então passos mui curtos, e costumam-se por isso a caminhar pouco e com piso baixo, o que os dispõe a tropeçar frequentemente, tornando-se pouco seguros ao cavalleiro e a si mesmos, porque mais expostos estão a destenções dos ligamentos *esgunices*, que lhes produzem manqueiras ás vezes bastantes refractarios aos meios therapeuticos.

Ora todos estes e mais accidentes que se podem dar pelo uso de pear os animaes, e com especialidade o cavallo, faz que aconselhemos aos lavradores, que deem de mão a tal pratica, a qual bem podem substituir, pelo apascento á *estaca*, que realisa mais seguramente as mesmas intenções, pelo que respeita á defesa das cearas e pouco estrago nos pastos, sem todavia promover os mesmos inconvenientes.

S. B. Lima.

APPLICAÇÃO DO PAPEL FULMINANTE.

226 O papel fulminante póde ser empregado na *pyrotechnia*, queimando-o depois de o ter mergulhado em alguma das dissoluções de nitrato de stronciâna, sulphato de cobre, ou nitrato de baryta. No primeiro caso, o fogo que se obtem é vermelho, no segundo é verde, e no terceiro branco.

Tambem se póde empregar o papel-polvora na construcção dos ballões aerostaticos (*). M. Émile Kopp obtem um papel fulminante muito denso e compacto, mergulhando o papel mais fino de cartas em uma mistura de acido sulphurico com acido nitrico monohydratado. O hydrogenio contido em ballões de papel fulminante, conserva-se ahi por muito tempo. Quando se faz ascender um ballão d'esta qualidade, dispõem-se as coisas de modo que elle se inflamme em certa altura: — ha então um phenomeno ibrilhante de ignição, e tem logar a combustão instantanea e completa do papel.

* * * *

(*) Journal de Ph. et de Chimie.

DESTRUIÇÃO FACIL DOS VEGETAES QUE ARRUINAM AS RUAS DOS JARDINS.

227 A chuva e a humidade favorecem a vegetação das hervas nocivas, que crescem espontaneamente nas ruas dos jardins e por entre a calçada dos grandes pateos, e largos. O raspal-as é operação longa, e que além d'isso tem o inconveniente de dever ser feita mais de uma vez durante a estação chuvosa. O seguinte meio para destruir estas hervas é simples e pouco dispendioso: —

Faz-se ferver umas trinta canadas de agua, em que se dissolvem uns onze arrateis de cal, e dois ou tres de enxofre em pó. Deixa-se ferver algum tempo, tendo o cuidado de ir mechendo tudo bem. Feito isto deixa-se assentar e esfriar. Depois regam-se as ruas do jardim com este liquido, juntando-se-lhe mais o dobro do seu pezo de agua pura. As hervas nocivas morrem, e por alguns annos não tornam a apparecer.

* *

BICHO DA OLIVEIRA.

228 É facto conhecido, ha muito, que o azeite fabricado com a azeitona bichosa além de ser diminutissimo, é improprio ao consumo, e apenas serve para o sabão. Muitas vezes mesmo as azeitonas bichosas não produsem senão uma especie de massa, que não tem uso algum.

Tem-se procurado na Italia e na França os melhores meios de livrar as oliveiras deste flagello. Premios consideraveis teem sido propostos para a completa destruição do bicho; que quasi sempre apparece em abundancia de dois em dois annos, e de tres em tres: porém desgraçadamente tudo quanto se tem feito para o destruir tem sido inutil. M Guérin Méneville veio no conhecimento de que estes bichos, depois de haverem roido todo ou quasi todo o parenchyma das azeitonas abandonam este fructo, e furam a terra onde jazem em estado de chrisalida, até ao meado do estio seguinte.— E então que destas sahem uma especie de moscas que vão pôr seus ovos sobre cada fructo.

Já se vê que o unico meio, que havia para destruir este bicho, era o de tirar todo o fructo da arvore alguns dias antes de estar perfeitamente maduro, e de o mandar para o lagar; e isto antes que o bicho sahis se da arvore para se ir esconder na terra. Verdade é que o proprietario teria uma diminuição no azeite, mas esta era bem compensada pela destruição deste mal.

M. Guérin Méneville diz que seria mui conveniente que tal processo se posesse em pratica em uma extensão grande do paiz, e que as municipalidades vigiassem isto como uma providencia de utilidade publica: pois que bastaria uma só arvore contaminada para pegar o mal a todos os olivaes visinhos.

(Almanach de France de 1838.)

AZEITE DA GRAINHA DAS UVAS.

229 Um vinhateiro dos arredores de Coblentz achou que cincoenta kilogrammos de grainha da uva davam seis de um azeite extremamente puro, de uma côr de oiro, e não cedendo em nada ao gosto do azeite da oliveira.

A sua extracção é facillima. Depois de bem secca, a grainha é pisada, e submettida a uma forte pressão para lhe extrahir as partes oleosas. Sabemos que em uma grande parte da Italia se costuma empregar este processo para o mesmo fim.

Conviria que o nosso paiz vinhateiro experimentasse este processo. Estamos certos que havia de ganhar muito.

* *

APPARELHO CASEIRO PARA FAZER CERVEJA.

230 M. Godard, chimico francez, inventou um apparelho simplicissimo para qualquer fazer cerveja. Se nas grandes cidades não val a pena cada um servir-se de um tal apparelho, não acontece assim nas nossas provincias.

Em Pariz existe um deposito dos mesmos em casa de M. Villeneuve, no *Palais Royal*: o preço de cada apparelho, que é, ou de folha ou de ferro estanhado, anda por uns nove mil réis.

A nossa industria de latoaria poderia tirar partido deste invento mandando o vir, e fabricando-o por sua conta.

Ao Sr. Collares, a quem esta industria deve tanto, cumpria transportar para entre nós esta machina, no que faria mais um bom serviço ao paiz.

* *

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

X.

231 Cada vez tenho mais medo de corromper o coração nesta pousada de crimes!

Basta que um suspiro revele qualquer sentimento puro da alma, para que logo seja profanado pelos que o escutam!...

Meu Deus!... e é aqui que tem de se finar comigo esse amor tam casto que me captivou a vida!

¿¡ E não heide ao menos uma vez se quer, contemptar aquelle rosto, em que eu lia a minha felicidade!? Ainda que não fosse senão como uma imagem, ante a qual avivasse esta memoria, que, debalde, o tempo quer roubar ao amor!..

Quantas vezes sinto que a imaginação succumbe no esforço, que tenta para examinar se essa figura representando Margarida, e que sempre tenho diante dos olhos, é exactamente como ella!...

O preso gosta de fixar as suas lembranças. — Escreve taciturno nas paredes do carcere o dia em que parte para o degredo, ou para o patibulo; ou, folgasão, marca nessa mesma parede o dia em que finda o seu captiveiro. Ás vezes, um nome de mulher escripto por mão convulsa, e com os olhos fitos nas letras, como se fossem feições, é uma recordação da felicidade que sur-

* Vem do n.º 11.

ge nestas prisões, como a planta que só mui raramente se encontra no cimo escalvado das serras da minha terra!

Nem esse desafogo dou á minha dôr.

Concentro todos os affectos no sanctuario do coração. Apenas confio a estas paginas parte do que soffro.

Quando mais me atormenta o desejo de vêr Margarida, mais me pêsa que Deus me não houvesse concedido o dom de representar por alguns traços o que tenho no coração.

Comprehendo então a infausta historia, que ácerca de um quadro da Mãe de Deus, que estava na ermida da Serra, andava pela bocca do povo.

Diziam os mais letrados, que a tradição era falsa, e apenas repetia um embuste inventado por outra confraria do logar, a quem prejudicava a devoção da imagem. Se assim foi, enganaram-se porque a concorrencia dos fieis cresceu, depois que lá ficaram os ossos do padre.

Foi no dia em que o nosso amor nasceu, na casa do Senhor, que eu ouvi bem essa historia.

Quando o nosso olhar se encontrava, ficavamos surprehendidos e pregavamos a vista n'aquella imagem, como para escondermos um ao outro esse sentimento, que para sempre se ia apoderar da vida de ambos!

O bom do meu padrinho, que estava perto de mim, vendo que eu olhava varias vezes para a imagem, mas, talvez sem reparar na causa, — contou-me o que a tradicção resava a tal respeito.

Haverá cerca de duzentos annos, que um missionario alli passára e a offertou á irmandade.

Parecia vir de muito longe.

O povo estava devotamente festejando a natividade da Santa Virgem, eis senão quando o missionario lhe appresenta aquella imagem, que arrebatou a todos pela formusura e angelica resignação do rosto, que representava.

Ninguem da terra se lembrava de ter visto uma pintura assim!

Os velhos ao contar o estranho caso, não se esqueciam nunca de fallar no espanto, que produziu o rosto pallido e amargurado do missionario, ao pé d'aquella imagem, que elle tinha nas mãos toda resplandecente de gloria. Nem as trovas esqueceram esta parte do successo.

O padre fez uma pratica dizendo, que a sua dadiva era como um premio de tam ardente devoção: que vinha de correr muitas terras: mas que só n'esta encontrára a fé pura e innocente, que poderia adorar a sua imagem.

Ao receberem tão perigrino brinde, todos lhe quizeram beijar o habito; mas desappareceu repentinamente, e apenas o viram entrar para o convento, que pouco distava da villa.

Um dia, completavam-se dez annos que a imagem, por tão estranha maneira, viera para a ermida, o missionario apparece por entre o povo, como uma visão do outro mundo! Estava tão desfigurado que ninguem se atrevia a affirmar que era elle. Ao chegar ao pulpito volante, falleceram-lhe as forças, mas recuperando-as em um momento subiu a elle. O que então se passou não sei se algum dia se viu no mundo! Foi um grande escandalo, junto com um sacrificio immenso, feito na presença de Deus. O padre vinha exigir a imagem, não para si mas para as fogueiras da Inquisição, em que elle mesmo se ia lançar! Aquella pintura, que ha tanto veneravam, como se fôra a Mãe de Deus, era a recordação de um sentimento profano do mundo, que elle em hora de perdição debuxára no painel!.....

O alvoroço era grande em todos os animos, mas ninguem tinha forças para interromper aquella voz tremenda do arrependimento, que parecia surgir de um tumulo. O povo não consentiu que a imagem sahisse do altar! Tomaram o padre como endemoninhado apesar de o verem prostrar-se de joelhos quasi no meio da ermida, quando desceu do pulpito. Assim esteve toda a noite, até que vindo o prior para o exorcismar o acharam morto. Parece quo o bispo não deixou de ser consultado sobre o acontecido, e fosse o que fosse a imagem e os ossos do padre ficaram na ermida!.....

No dia immediato ao da festa, quando me encontrei com Margarida, a historia da imagem serviu como de desculpa a ambos, para não nos darmos como entendidos, do que debalde, não sei porque estranho capricho de amor, tanto queriamos occultar.

O irmão de Margarida, que tinha ficado ao pé de mim, commentava o caso com mais interesse do que ninguem.

Quando meu padrinho o contára não deixei de reparar em que lhe causava impressão profunda. Mal pensava eu então que o futuro me explicaria tudo o que eu nem elle mesmo intendiamos!...

Ai!... sempre vida é um mysterio de dôr que nunca se decifra!...

Não tenho animo para escrever mais, quando as recordações do passado me trazem á memoria as minhas risonhas esperanças desfeitas todas em lagrimas!

(Continúa.)

OS DESEJOS DO INFANTE.

(Ao meu sobrinho Eduardo.)

232 Deixae-me crescer
Da lua, ao luar;
Que sou pequenino
E não posso andar.

Se morro tão cêdo
Não posso chegar,
A ser homemzinho
A ir commungar.

Não verei de perto
As aguas do mar,
Nem tantos peixinhos
Nas ondas boiar.

E a mãe o levava,
Ao collo, a mostrar,
De perto, mui perto
As aguas do mar.

Depois lhe mostrava
Mil peixes sem par,
Correndo nas ondas,
Nas ondas boiar.

Desejos não poude
Do filho matar;
Quizera ser homem
Crescer sem parar!

Deixae-me crescer
Da lua, ao luar;
Que sou pequenino
Mal posso fallar.

Cresceu, e cresceu,
Sem nunca parar;
Chegou a ser homem
D'accêso pensar:

Mas sempre nas queixas
Do lindo trovar,
Saudades suspira
De noite, ao luar.

L. A. Palmeirim.

TERREMOTOS.

233 São os terremotos os mais terriveis, e mais destruidores dos phenomenos naturaes. É certo que muitas vezes treme a terra, sem que d'ahi resulte o mais leve damno · e que passam desapercebidos e sem commemoração muitissimos tremores: mas outras vezes são taes e tão promptos os seus devastadores effeitos para as propriedades e vidas, que a historia os recorda como o mais terrivel flagello da especie humana.

Não trataremos da cauza originaria de similhante phenomeno, por ser ella ainda hoje ponto obscuro da sciencia. O que podemos affirmar com certeza é, que essa cauza tem profundas raizes no interior da terra, e que parece não ser diversa d'aquella que produz os phenomenos volcanicos — quer provenha de uma simples acção dynamica, quer d'uma acção puramente chimica. O nosso unico fim é descriptivo e historico.

Ainda que os maiores terremotos sejam felizmente acontecimentos raros, são os de menor monta tão frequentes, que Humboldt assevera não se passar um dia só, em que a superficie de terra não seja aqui ou alli abalada.

Podemos distinguir nos terremotos quatro especies de movimento subterraneo, que posto algumas vezes obrem isolados, outros operam de um modo mais ou menos combinado. São estes o movimento *tremulo*, o *undulatorio*, *vertical*, e *rotatorio*. Os choques *tremulos*, que os Americanos do Sul chamam *tremblores*, são de todos os mais inoffensivos: a terra treme com um abalo similhante ao que se experimenta a bordo dos barcos de vapor. Destes *tremblores* que ás vezes quasi diariamente se sentem em pontos da America ao correr da costa do Pacifico, nenhum prejuizo resulta ordinariamente.

São mais perigosos os abalos *undulatorios* que se propagam á maneira de ondas, elevando e deprimindo o solo em uma certa direcção. Apoz este os movimentos *verticaes* são mais violentos, e terriveis em suas consequencias: a terra abala-se como impellida por uma explosão subterranea. No grande terremoto da Calabria em 28 de março de 1783 pareceu elevar se e abater-se a mais alta montanha granitica de Aspromonte: individuos foram arremeçados ao ar e para longe do sitio, onde se achavam; e edificios inteiros mudados de posições mais baixas para outras mais superiores. Este movimento sempre se combina com o undulatorio, segundo pensam Humboldt e Dolomieu.

Os choques *rotatorios* são os mais raros, mas os mais destruidores. No terremoto de Catania em 1818, em que a direcção do abalo subterraneo foi de sueste a noroeste, muitas estatuas fizeram meio giro sobre seus pedestaes, mudando de posição norte sul para a linha de leste-oeste: o mesmo se observou em Valparaizo em 1822, e no ultimo terremoto do Chili em 1835. A este respeito menciona Humboldt, que não é raro verse arvores dispostas em linhas rectas, ficarem em curvas sensiveis depois de terremotos.

A duração dos terremotos é em geral mui curta; e tem-se notado, que tanto menos duradoiro é o abalo, tanto mais fórte, e por conseguinte mais terriveis os seus effeitos, bastando poucos segundos, muitas vezes, para reduzirem a um montão de ruinas, vastas e populosas cidades. E quem attentamente considerar nas desastrosas consequencias de tão subita calamidade, não poderá deixar de concluir com o citado Humboldt: « que não ha força alguma conhecida, nem mesmo aquella de nossos mortiferos projectis, que em obra de tão pequeno espaço de tempo faça maior numero de victimas, do que um terremoto. » Assim, podemos citar o da Sicilia em 1692 em que pereceram 50.000 pessoas · o de Pirobamba em 1797 que matou 40 000: o de Calabria em 1783, 60,000; e mais de 200,000

na Azia menor, na Syria em tempos de Tiberio e Justiniano.

A direcção do choque subterraneo é umas vezes indeterminada, e irregular; outras vezes linear seguindo de preferencia a cordilheira de montanhas; outras em fim como se partira de um centro, e divergisse para a circumferencia.

Alguns terremotos tem havido bastante circumscriptos a um dado local, e outros que se teem propagado a enormes distancias. O de Lisboa foi mui violento em Hespanha, Portugal, e norte de Africa; mas quasi toda a Europa, e ate as West-Indias o sentiram no mesmo dia. Parrot diz que elle se estendêra por 700,000 milhas allemãas, o que não é menos de $\frac{1}{12}$ da superficie total do globo. Parece que o movimento subterraneo se vai succedendo muitas vezes ao correr de uma linha, e successivamente produzindo os seus estragos; mas em outras occasiões o momento de acção é instantaneo ainda em partes bem remotas. O de Lisboa que começou ás 10 horas menos 10 minutos da manhã, foi sentido em Madrid ás 10 horas e 17 minutos, isto é, no mesmo instante, tendo em vista a posição geographica destas duas capitaes.

Não ha parte alguma da terra que possa julgar-se isempta de terremotos, mas umas são mais sugeitas a elles do que outras. Tem-se pertendido que nas visinhanças dos volcões activos ha mais frequentes tremores; e posto que muitas irrupções volcanicas são precedidas de commoções subterraneas, outras muitas teem logar independentemente dellas. Com tudo os maiores terremotos teem acontecido em regiões mui distantes de volcões activos; e os immensos abalos subterraneos, que no Novo Mundo assolaram as povoações de Lacatunga, Riobamba, Honda, Caracas, etc., não coincidiram, segundo refere Boussingault, com irrupção alguma conhecida. A oscillação da terra, que precede este ultimo phenomeno, diz Bischoff, é para assim dizer local; ao passo que os terremotos, que (ao menos em apparencias) se não casam com irrupções volcanicas, não só são muito mais fortes, como se propagam muitissimo mais longe.

Por outro lado parecem tão dependentes taes phenomenos, que na proximidade dos volcões se sentem os terremotos, quando por longo prazo adormece a acção volcanica, e terminam aos primeiros symptomas de novo paroxismo na cratéra.

O que em geral póde colher-se de muitas observações, é que as ilhas são mais sugeitas aos terremotos do que os continentes; os paizes á beira-mar mais do que os outros terra dentro; e as regiões intertropicaes mais do que as polares.

Alguns terremotos são precedidos de um ruido ou estrondo subterraneo, que simelha o pezado rodar de carretas de artilheria, o arrastar de grossas cadeias, e o estampido de trovão. Este phenomeno é notavel por ter tambem acontecido isolado e independente; mas em tempos modernos tem sido menos frequente do que outrora o refere a historia. O mais curioso facto desta ordem occorreu em Guanaxuato em 1784. Em 9 de janeiro á meia noite começou a ouvir se um estrondo subterraneo, que foi augmentando até 13 em intensidade, parecendo então uma rija trovoada, que de continuo estalava por baixo da cidade. Entrou a diminuir em 16 de janeiro, e apenas cessou de todo em 13 de fevereiro. Foi grande o terror dos habitantes, que subito abandonaram a povoação, e os ricos thesouros das minas de prata, que alli haviam amontoado; mas pouco a pouco foram tornando os menos timoratos até que todos por fim se acostumaram a tão estranho como inofensivo evento. Em 1822 se ouviu egualmente um ruido similhante em Melida perto de Ragusa, que com quanto fosse muito menor em intensidade, foi de uma duração muito mais longa.

Um dos frequentes effeitos dos terremotos é a abertura do terreno em fendas, boccas, e excavações profundas, que umas vezes se conservam, outras se fecham immediatamente. É ordinarjo sahirem destas fendas gazes, vapores, fumo, chammas, lama, areia, agua e pedras. Em diversas occasiões se tem observado quer uma, quer muitas destas substancias. No grande terremoto da Jamaica em 1692, abriu-se a terra em varios sitios d'um modo tão insolito, que submergiu, e se fechou sobre varias pessoas; mas reabrindo-se logo depois, tornou a lançal-as para fóra no meio de jôrros d'agua, que causaram não pequena innundação.

Uma das causas de maior destruição, que acompanha os tremores de terra, é a subita elevação e prompta descida das aguas do mar; e posto que similhante phenomeno nem sempre se tenha verificado em alguns dos grandes terremotos, em outros tem causado os mais horriveis estragos, como succedeu no de Lisboa em 1755, e nos de Callao em 1585, e 1746. Para cima de 3,000 pessoas morreram afogadas na desastrosa, e repentina innundação do grande cáes de Lisboa.

Cumpre examinar agora se os terremotos teem ou não alguma dependencia das circumstancias externas. Querem uns, que elles são sempre precedidos de signaes particulares, como irregularidades nas estações antes ou depois delles, repentinos tuphões de vento seguidos de calmas podres, chuvas copiosas fóra da quadra propria, certa vermelhidão no disco do sol, e opacidade e nevoeiro na atmosphera, exhalações terrestres de materia electrica, ou de gazes sulphorosos, e mephiticos, sêcca repentina dos mananciaes d'agua, e enjôos, e tonteiras de cabeça nas pessoas etc. etc. Outros porém opinam em contrario á vista de numerosas observações que citam. Mr. Wittich, a quem muito devemos neste artigo, positivamente assevera que não ha relação alguma entre o estado do tempo e os terremotos. Muitos teem occorrido, diz elle, em tempo bem sereno, outros em meio de furiosas ventanias: uns quando a atmosphera está densa, e carregada de vapores, outros quando perfeitamente limpa: durante grandes chuvas, e em occasiões de trovoada. Em altas latitudes tem havido terremotos em todos os tempos do anno, mas com mais frequencia em tempo frio, principalmente um pouco antes, ou depois dos equinoxios. Nos climas intertropicaes muitos se teem sentido antes de começarem, ou logo que terminam as estações chuvosas. Frequentes vezes succede na America do Sul que as chuvas são abundantissimas, quando tem havido algum tremor de terra depois de prolongadas seccas. Os habitantes daquellas paragens pouco ou nada os receiam, porque construindo as suas cazas de madeira, e de juncos, não temem ser esmagados por ellas; e até se recordam com prazer d'algumas destas grandes catastrophes, festejando os seus anniversarios, ao passo que os descen-

dentes dos europeus fazem procissões, e outros actos de penitencia para que o céu lhes afaste para longe similhantes calamidades. No archipelago indico os mais fortes abalos subterraneos coincidem de ordinario com a mudança das monções. É tambem sabido que quasi sempre depois dos terremotos o tempo se torna mais frio.

O que porém nos leva ainda mais a accreditar, que o phenomeno dos terremotos é independente de quaesquer mudanças atmosphericas, são as observações barométricas. — Hoffman diz que em 57 terremotos observados em Palermo no espaço de 40 annos, nunca as oscilações barométricas ultrapassaram os costumados limites, antes pelo contrario foram, durante muitos delles, bem insignificantes. Humboldt verificou o mesmo facto nos terremotos dos Andes, não só a respeito das alterações barométricas, como da perfeita regularidade das variações horarias de declinação da agulha. Acrescenta porém, que, se em geral os tremores de terra não são annunciados por aspecto particular da atmosphera, ou por algum phenomeno meteorologico, parece todavia que uma tal ou qual sympathia tem havido entre alguns dos mais violentos abalos subterraneos, e as circumstancias externas, de sorte que se não póde dizer, que elles sempre tenham logar d'um modo puramente dynamico.

Emfim crê-se geralmente, que exhalações nocivas, para nós imperceptiveis, sahem da terra antes dos terremotos; supposição não sem fundamento, por que é sabido que as cobras, ratos, lagartos e outros animaes pequenos, costumam, ao aproximar-se este phenomeno, sahir das tocas, e correrem sobre a terra como espavoridos, e ao acaso. Tambem alguns dos animaes domesticos participam de certa inquietação, como as cabras, porcos e cães. Antes de se sentir o primeiro abalo do grande terremoto de Talcahuano, todos os cães fugiram para fóra da cidade. É crença em algumas partes, que os porcos são os que melhor farejam os tremores de terra; e as pessoas timoratas nunca deixam d'espreitar os movimentos destes animaes.

Terminaremos com uma succinta noticia do terremoto grande de Lisboa.

O dia 1 de novembro de 1755, amanheceu claro, e soprando uma ligeira briza da terra. Ás 9 horas pouco mais ou menos, começou o sol a turvar-se, e meia hora depois entrou a ouvir-se um ruido, que parecia o de pezados carros, que ao longe rodavam por calçada de pedras soltas. Este rumor subterraneo foi progressiva e rapidamente augmentando, de modo que passados alguns segundos, simelhava o troar de rija canhonada por debaixo da cidade.

Neste momento sentiu-se o primeiro repellão do terremoto, e logo o continuo desabar dos templos, dos palacios, e de todos os edificios mais formosos. Parou um pouco a comoção da natureza, como se fôra para ella tomar folego d'um minuto, e com redobrada força, tres novos abalos se seguiram tão de subito, e de tal modo violentos, que quasi não houve obra humana que podesse resistir-lhes. Referiram algumas pessoas, que no primeiro abalar da terra andavam embarcadas em distancia da cidade, que lhes parecêra tocar em sêco o bote onde se achavam; e no mesmo instante observaram, que uns sobre outros cahiam os edificios, que alinhavam ambas as margens do Tejo, o que viram repetir obra de quatro minutos mais tarde. Tambem as aguas partilharam dos terriveis movimentos da terra, trazendo o rio algumas vezes á flôr da agua o seu proprio leito. E nos navios, que quebradas as amarras, uns contra os outros se esmagavam, sentiam os marinheiros ora estar em nado, ora em secco inteiramente. Mas novo perigo ameaçava ainda os infelizes habitantes; por que passado a maior força da comoção subterranea, acometteu-os o mar com terrivel furia, ameaçando completar a ruina do pouco que escapára. Entrou pelo Tejo uma serra de agua de 40 pés de altura, que felizmente para a cidade se espraiou na larga bacia, que lhe fica em frente, e rapidamente innundou todas as ruas da baixa. Mas o grande cáes de pedra, que ainda ha pouco se havia completado, e aonde procuravam salvar-se não menos de 3 000 pessoas, alluiu com o pezo da agua, e cáes e gente para sempre se sumiram na profundidade do rio.

Calculam-se em 60.000 as victimas desta grande catastrophe, a maior parte esmagadas pelo desabamento dos templos que pelo dia sanctificado, e pelas horas de oração se achavam apinhados de fieis.

As relações do tempo, algumas das quaes temos á vista no *Gentleman's Magazine* de 1756, mencionam muitas outras circumstancias, que actualmente omittimos por pouco interessantes. Sobre a materia deste artigo póde vêr-se a obra de Mr. Wittich. — *Earthquaques and Volcanos-Cosmos* par de Humboldt — *Physical Researches on the heal of the Globe* by Bischoff — *Lyell's principles of Geology etc.*

Coimbra 8 de fevereiro de 1848.

R. Fernandes Thomaz.

MAIS UMA CORDA NA LYRA.

(A João de Lemos.)

234 Cinco cordas tem a lyra,
A lyra de oiro, e rubis;
Do Bardo a lyra mimosa,
Esta lyra não desdiz;
Cinco sons dá sonorosa,
Cinco sons, meigos, subtis.

O primeiro vibra na alma,
Nos arpejos lindos seus,
As ternuras, os louvores
Nascidos nos seios meus,
Que fallam doces amores
Todos só para o meu Deus.

Brando desfere o segundo
Meiga harmonia — signal
Do amor, que á terra tenho
Onde em leito de cristal,
Para as ondas corre o Minho,
Que foi meu berço natal.

Vibra o terceiro no peito,
Com doce, terna emoção,
Magos encantos d'amor
Da esposa a terna affeição;
Na filha, rico penhor,
Satisfaz meu coração.

Não falta ao quarto harmonia,
Nem dos mimos o primor;
É um som todo bondade,
De mui subido valor;
Sabe cantar a amizade
Sabe presar seu valor.

Vibra o quinto com ternura,
Da saudade amarga dôr;
Resumindo em tom mimoso,
Da tristeza o dissabor;
Prefaz o canto saudoso,
Do cantar do Trovador.

Cinco cordas tem a lyra,
Que esta mudança lhe fiz;
Quatro cordas era pouco,
Reformar a lyra quiz:
E não foi empenho louco,
Cinco sons agora diz.

Diz-me tu, cantor bondoso,
Se não era imperfeição,
O não ter corda a saudade
Não ter esta vibração,
Tirava á lyra a beldade
Era injusta sem-razão.

9 de fevereiro de 1848.

Ayres Pinto de Sousa.

LAUSPERENNE NO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA.

235 No anno de 1672, aos 21 dias do mez de novembro, se renovou no real mosteiro da Invocação de Santa Maria, na villa de Alcobaça (fundado no anno de 1148, por El-Rei o Sr. D. Affonso I, para cumprimento de voto), o *Lausperene*, que antigamente tinha havido na egreja do referido mosteiro, onde os seus monges, divididos em turnos, incessantemente, de dia e de noite, diziam em voz alta louvores divinos na presença do Santissimo Sacramento (até o decreto de 28 de maio de 1834, da extincção dos mosteiros, conventos etc.), em observancia da recommendação, que havia feito, o Sr. rei D. João IV, aos dois Abbades do mesmo mosteiro, quando lhes fez mercê da abbadia commendataria, e do logar de esmoler mór, por cartas datadas de 4 de fevereiro e 18 de agosto de 1642.

Todas as vezes que os Srs. Reis de Portugal iam ao real mosteiro de Alcobaça, os monges d'aquella casa, lhe davam um cruzado e um par de calçado. O Sr. D. João IV, logo que alli entrava, pedia ao D. Abbade aquelle reconhecimento.

Abbade Castro.

UM NOVO JORNAL HISPANHOL.

236 O ardente desejo que temos, de que a litteratura hispanhola e a portugueza se ajudem reciprocamente como devem, e como mui desgraçadamente o não tem feito até hoje, faz com que tenhamos a maior satisfação em dar cabida, nas nossas columnas, ao seguinte prospecto:

Revista Cientifica Tecnologica.

Periodico semanal, dedicado a seguir los adelantes de las ciencias, fisico-matematicas en Europa, y a dar á conocer sus principales aplicaciones. Comprendrá dos tomos grande en folio al año, y contendrá las materias seguintes:

1.° Articulos sôbre navegacion de los rios y otras vias de comunicacion y otros asuntos de interés.
2.° Juicio critico de todas las obras tecnologicas de interés, que se publiquen en Europa.
3.° Actas de la Academia de Ciencias de Paris.
4.° Noticias cientificas y industriales de Viena, Londres, Berlin y Leipsik, comunicadas por los corresponsales.
5.° Examen de los privilegios de invencion, pedidos em España.
6.° Actos oficiales.
7.° Una memoria sobre la estraccion del aceite por medio del vapor.
8.° Revista de obras publicas.
9.° Variedades.
10.° Fundos publicos.
11.° Anuncios.

Cada 15 dias se repartirá ademas una entrega en 8.° francés de 48 paginas, que bajo el nombre de Bibliotheca Tecnologica, compondran una coleccion de las mejores obras de esta ciencia, con 6 tomos al año y 500 grabados.

Ademas, á los suscritores por um año se les regallará: —

1. 8 Magnificas litografias, que representarán las maquinas de vapor, para estraer el aceite.
2. La coleccion de los privilegios de invencion, que han caducado en Fransia en el año 47, compuesta de mas de 500.

El primer numero salió el 3 de enero de este año.

Se suscribe en casa de todos los corresponsales del Dicionario Geografico de D. Pascual Madoz, en todas las administraciones de correos, y con carta franqueada a su director.

Calle de S. Bartolomé numero 8 y 10, Madrid.

Precios de suscricion. — En Madrid — tres meses 48 reales, seis meses 96, un año 192. — Em provincias y el estranjero: — Tres meses, 60 reales, seis meses 120, un año 240. — En ultramar. — Seis meses, 10 pesos fuertes, un año 20.

Puntos de suscricion — En Madrid — en la imprenta del *Dicionario Geografico*, calle de la Madera numero 8.

NOTICIAS.

IMPOSTO PREDIAL EM FRANÇA.

237 Pelos ultimos documentos officiaes, que temos á vista, consta:

Que o numero das propriedades sujeitas ao imposto nos 86 departamentos da França é de 7,519:310.

O numero das quotas do imposto é de 11,511:841.

O numero dos individuos, que pagam mais de mil francos de imposto (160$000 réis), é de 16,346.

THEATRO DE S. CARLOS.

238 Em consequencia do que ultimamente se tem passado n'este theatro, e para rigorosamente observarmos o plano do nosso jornal, declaramos que não escreveremos coisa alguma ácerca delle em quanto julgarmos que o não devemos fazer.

Em virtude d'esta resolução, mandámos desmanchar o artigo, que já estava composto e retirado por duas vezes, ácerca da dança — Branca Flôr.

THEATRO DE D. MARIA II.

239 O theatro nacional tentou ainda um ultimo esforço, louvavel, como tantos outros, pondo em scena o *Mercado de Londres*. Na presença de tanta perseverança é mister que o subsidio se torne uma realidade, aliás, em vez de um auxilio será apenas uma esperanca vã, que apressará a decadencia completa da nossa Arte Dramatica, ainda balbuciante nas fachas da infancia. — Em ambas as noites que se representou o *Mercado de Londres* a concorrencia foi brilhante. O Drama é bom e geralmente é representado com perfeição. Tem lances calculados para colher applausos, que lhe não teem faltado. Desejamos que todos se persuadam da conveniencia que ha em auxiliar o theatro nacional.

JUDICIOSA OBSERVAÇÃO DA GAZETA MEDICA DO PORTO.

240 A *Gazeta Medica*, escrevendo um annuncio para a venda do chloroformio, adverte mui acertadamente, que sendo prohibido aos pharmaceuticos venderem certas substancias, sem lhes serem pedidas por formula do facultativo, este composto não deve ser vendido a quem não appresente a respectiva formula; pois que, pela sua virtude anasthesica, póde ser procurado para diversos fins criminosos.

Estimâmos vêr tão competentemente confirmada uma prevenção, que não foi por nós esquecida, quando escrevemos sobre o chloroformio.

ACTO DE BENEFICENCIA.

241 Entre os muitos estabelecimentos de charidade, que existem no Porto, avulta como um dos que mais commove as almas caridosas, o Recolhimento das Meninas desamparadas, com invocação de Nossa Senhora das Dores.

Só a Mãe de Deus podia ser Padroeira do Recolhimento, das que acharam amparo na sublime doutrina ensinada pelo Redemptor do mundo.

O Sr. Conde de Penamacor, ao apartar-se d'este reino com a sua familia, quiz deixar n'esse pobre e mui religioso Hospicio, a memoria da sua residencia na segunda cidade do reino.

Beneficiou o Recolhimento com a somma de 200$000 réis, que lhe deviam dos seus ordenados, como governador civil.

Oxalá que as preces dos innocentes, a quem valeu, derramem sobre o illustre conde e a sua familia as bençãos do Céu.

MAIS UM COMMENTARIO AO ARTIGO DA PARTE LITTERARIA — O PRESO.

242 Em novembro de 1840 commetteu-se um d'esses crimes atrozes, que nem temos animo para denominar. Passaram-se sete annos, e o accusado só agora foi julgado na cidade de Coimbra, em audiencia geral!

Como se póde justificar tam prolongada demora em um processo, que só podia assentar na confissão do réu, nas perguntas feitas á victima, e nas testimunhas que fossem inquiridas?

É mister acabar com a demora incomprehensivel dos processos. — A justiça e a moralidade publica exigem que esse abuso não continue.

De novo rogames á imprensa periodica, que não desampare este assumpto. — Tambem chamamos sobre elle a attenção das côrtes.

Desçam os legisladores ao fundo das nossas miseraveis prisões e conhecerão a urgente necessidade de que o innocente não soffra por largo espaço um castigo que não merece, nem que o culpado veja desviar de sobre a cabeça a tremenda espada da justiça.

Não terminaremos sem dizer alguma coisa sobre o processo a que nos referimos.

Respeitamos, mais do que ninguem, a nossa magistratura, mas não sacrificaremos nunca ao respeito a franca manifestação do que pensamos, ácerca dos mais graves pontos que entre nós se podem discutir: por isso diremos:

Que sendo, como foi, provado o crime, de que o réu era accusado a sentença de cinco annos de trabalhos publicos, é um diminuto castigo para um dos crimes mais revoltantes que podem deshonrar a especie humana.

Aproveitaremos ainda este facto, para demonstrar com um exemplo o vicio, que torna monstruoso o nosso systema de prisões.

Esse homem, que, pelo crime de que é reu, se manifestou um ente depravado, ao cabo de sete annos de prisão terá corrompido ainda mais os seus costumes na ociosidade em que o deixaram, entregue á companhia dos assassinos e dos ladrões. Durante esse tempo, Deus sabe o que o trabalho e a educação moral e religiosa, bem dirigida, poderiam ter feito d'elle? Mas juntem a esses sete annos mais cinco, em vida identica, e respondam o que será o réu, quando a justiça o arremeçar livre para o meio da sociedade? Notem a espantosa contradicção

A justiça, que devia previnir, castigar e dirigir o individuo para o caminho da virtude, emprega doze annos em emestrar a fera, que ao cabo d'esse tempo estará apta, pela completa desmoralização, para atterrar a humanidade com alguns novos crimes!